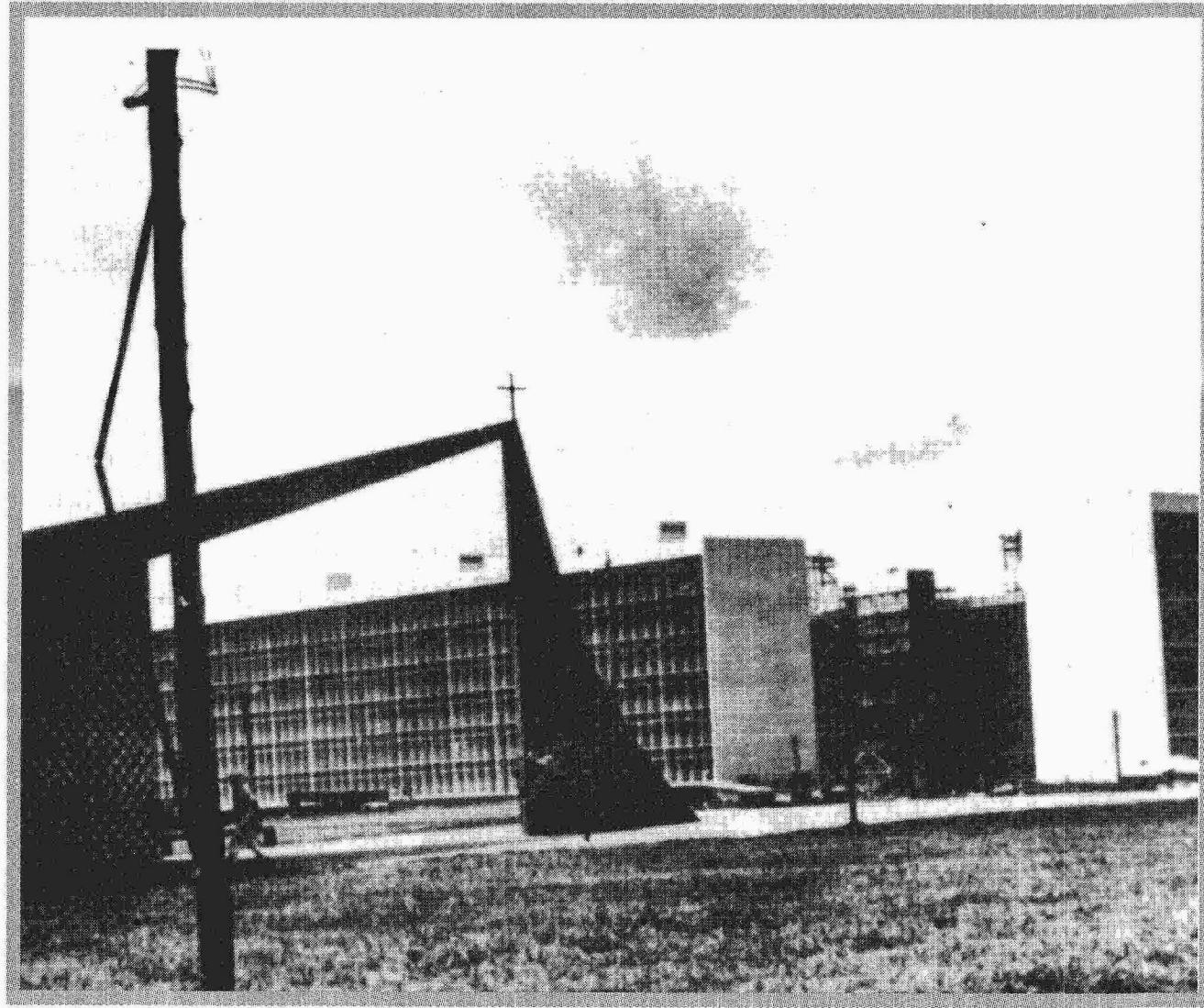




## Francisco Pereira Lima

# Em Brasília, a oportunidade de mudar de vida

Arquivo Público



FRANCISCO  
TRABALHOU  
NAS OBRAS  
DA 108 SUL  
ATÉ A SUA  
CONCLUSÃO

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vinda para Brasília mudou a vida do vaqueiro de Flores, pequena cidade do interior de Pernambuco. Francisco Pereira de Lima, mais conhecido por Francisco Chus, que até então nunca havia freqüentado salas de aula e sempre andava armado. Aos 19 anos de idade resolveu sair do Nordeste. Segundo ele, fugido. Como na pequena Flores quase não havia escolas e seus pais não queriam que ele se ausentasse de casa, o jeito foi se mudar para São Paulo. "A escola mais próxima ficava a 18 km", conta Francisco.

Já em Guarulhos, no ano de 1957, o ex-vaqueiro conseguiu trabalho na seção de produção de rações e derivados de farinha na Moinhos Santista. Pouco tempo depois, resolveu trabalhar por conta própria, abrindo uma quitanda.

A descoberta de Brasília aconteceu por acaso, durante uma visita a uns parentes que trabalhavam numa fazenda em Londrina (PR). "Daí voltei para São Paulo já pensando em me mudar para a tal cidade", lembra. Francisco pegou um avião e depois de várias escalas no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Goiânia, ele chegou ao cerrado.

A impressão que ele teve ao desembarcar era a de uma cidade próspera e que poderia lhe oferecer a oportunidade de estudar, trabalhar e conquistar a

sua independência. "Foi um encantamento", declara.

O respeito e a solidariedade entre os moradores da cidade impressionaram o pioneiro. "Como havia poucas mulheres na região, elas eram tratadas com muito respeito", conta. Segundo ele, era comum os homens se levantarem para ceder o lugar às senhoras dentro dos ônibus ou em outros lugares públicos.

As filas de candidatos à procura de emprego bem como as placas de anúncios fixadas na sede das construtoras oferecendo vagas para motoristas, mecânicos e carpinteiros davam conta da enorme oferta de trabalho existente aqui naquela época. "Quando cheguei percebi que a cidade era o local ideal para se construir o futuro", afirma.

Foi como encarregado de car-

pinteiro na Companhia Construtora do Banco do Brasil — CCBB que Francisco começou a vida no Centro-Oeste. "Eu levei à empresa a identidade, a carteira de trabalho e o atestado de antecedentes e saí de lá empregado", comemora.

Na quadra residencial da 108 Sul, onde orientava o pessoal na construção da laje e das estruturas de madeira, ele trabalhou até

a conclusão das obras. Para entregar tudo no tempo estabelecido, ele e os colegas viravam a noite. "A cada oito horas eu batia o cartão". Quando terminava, ele voltava para o acampamento da construtora, onde dormia, ali na quadra mesmo.

Antes de mudar para o acampamento, Francisco morou durante um mês numa pensão na 1ª Avenida da Cidade Livre

## PIONEIROS

Depois de uma passagem por São Paulo, o pernambucano decidiu tentar a vida na capital. Aqui, abandonou a arma, aprendeu a ler e escrever e progrediu profissionalmente

“**ENQUANTO OS DOIS DISCUTIAM, JUSCELINO DESCEU DO CARRO E SUBIU NO CAMINHÃO, DIZENDO PARA O MOTORISTA FICAR TRANQUILÓ QUE ELE ERA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA. NA MESMA HORA, O MOTORISTA, SURPRESCO, DESMAIOU**”

(Núcleo Bandeirante). “Eu era solteiro e dividia o quarto com o Cícero, um garçom.” No quarto da pensão havia apenas cama e colchão. “Se a gente quisesse um lençol ou algo mais tinha que levar por conta própria”, acrescenta.

O colunista do *ceilandense* — um jornal comunitário — lembra como se fosse hoje de histórias cômicas como a que aconteceu quando trabalhava na Civilsan —



Companhia de Saneamento de Água e Esgoto de Brasília. “Juscelino Kubitschek sempre fazia o mesmo trajeto. Saía do Catetinho e pegava a L2”, lembra Francisco. A via ainda estava em obras e havia um trecho considerável de estrada de terra, por coincidência, bem em frente à sede da empresa onde trabalhava. Num belo dia, quando o presidente passava pelo local, o carro presidencial furou o pneu. “O batedor do presidente perguntou então para o motorista do caminhão da Civilsan, que saía naquele momento, se poderia levar um passageiro”. O motorista explicou que não poderia levar nenhum estranho no veículo da companhia. “Enquanto os dois discutiam, Juscelino desceu do carro e subiu no caminhão dizendo para o motorista ficar tranquilo que ele era o presidente da República. Na mesma hora, o motorista, surpreso, desmaiou”.

### Lápis e caderno

Segundo explica o pioneiro, na época da construção de Brasília, ou você se dedicava à escola, onde os alunos passavam o dia todo, de manhã e à tarde, ou se desdobrava no trabalho. Francisco achou melhor dividir o

tempo entre o trabalho e o colégio La Salle, no Núcleo Bandeirante. Lá, ele cursou até a quinta série. O sonho do pernambucano virava realidade. Hoje, ao olhar para trás, o sertanejo percebe como foi importante trocar a arma pelo lápis e caderno. “Lá na minha terra eu andava armado e era um analfabeto”, lembra o ex-presidente da Associação de Pais, Alunos e Mestres do Centro de Ensino Médio Ave Branca — CEAB.

Aos poucos, a vida de Francisco foi melhorando. Apaixonado pela leitura, ele tratou logo de arrumar um jeito de trabalhar com os livros. No final de 1960, já rodava Brasília inteira “vendendo cultura e informação”. “Eu vendia livros em todos os lugares públicos e principalmente nos ministérios. As coleções de lombada dourada, a de Monteiro Lobato e Lima Barreto eram as mais vendidas e faziam muito sucesso naquela época”, explica o vendedor da editora Irradiante.

Empolgado com o novo negócio, pouco tempo depois, ele resolveu abrir sua livraria, na Commercial Norte, em Taguatinga. O comércio lhe garantiu uma vida financeira mais estável. Porém,

durante a revolução, em 1964, ele sentiu na pele a repressão dos militares. Ele fora proibido de vender livros de capa vermelha.

A paixão pela leitura fez Francisco ir mais além. Hoje ele é crítico e escritor. “Já escrevi cinco livros, mas prometi à minha família que os publicaria apenas depois de completar 70 anos”, afirma o autor de *Visão Social, Minha Vida meu Balaio e Escravagismo Político*.

Casado com a mineira Rozalina, aqui também ele constituiu um patrimônio valioso. Orgulhoso, o avô de 69 anos conta nos dedos a prole. “Tenho nove filhos (três biológicos e seis adotivos) que me deram dezoito netos.” O casamento de Francisco foi realizado em Juiz de Fora, seis anos após a inauguração da capital.

Candidato a deputado federal nas eleições de 2002, Francisco vê a sua mudança para Brasília como um sonho realizado. “Hoje tenho a minha família, todos os meus filhos estudaram e são formados e alcancei a minha independência. Sempre quis ser independente e vencer com meu próprio trabalho, e a cidade me proporcionou tudo isso”, afirma.

FRANCISCO, COM A COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS, ROZALINA, NA CIDADE DAS OPORTUNIDADES

## Raio X

<b>Nome:</b>	Francisco Pereira de Lima (Francisco Chus)
<b>Idade:</b>	69 anos
<b>Origem:</b>	Flores, Pernambuco
<b>Ano de chegada a Brasília:</b>	1959
<b>Profissão:</b>	Ex-comerciante
<b>Estado civil:</b>	Casado
<b>Esposa:</b>	Rozalina Venzi de Lima
<b>Filhos:</b>	Fátima, Eduardo e Helen
<b>Netos:</b>	Kelaine, Stefanie, Leandro, Douglas e Arthur
<b>Adoção:</b>	Francisco adotou seis filhos, que lhe deram mais treze netos